

# Capa Holanda

passado que na reconstrução do pós-II Gerra Mundial tão pouco foi prioridade. Por isso, circulamos pela cidade e o que chama a atenção é a herança industrial e os edifícios mais arrojados, parte do projecto da década de 1990 de transformar Eindhoven na capital holandesa do design. Curiosamente, um dos mais futuristas foi construído antes, em 1966, para assinalar os 75 anos da Philips: o Evoluon corresponde quase exactamente à imagem que temos de um ovni (já foi museu, mas agora só abre para eventos). Mas é na 18 Septemberplein (Praça 18 de Setembro), o novo centro da cidade, que a arquitectura de vanguarda mais respira, sempre tutelada pela Philips: de um lado, pela estação ferroviária, com um dos edifícios a simular um rádio, e do outro pela Lichttoren, a Torre da Luz (contígua à “Dama Branca”) - e daqui se fazia luz para Eindhoven e redondezas: no topo testavam-se as lâmpadas. E, então, neste canto vê-se um recanto quase futurista, que começa inapelavelmente na obra do arquitecto italiano Massimiliano Fuksas “Blob” (com lojas), difícil de descrever em toda a fluidez dos seus contornos, que seriam ortogonais não fora um alongamento, desenhados a aço pintado de branco e vidro escuro. É o principal ícone desta zona de vocação claramente comercial, apesar de ter como competidor o De Admirant, o edifício mais alto de Eindhoven (105 metros), que até deu o nome desta a esta área.

Na verdade, parece que caminhamos num centro comercial ao ar livre – saindo da praça, há lojas, centros comerciais, alguns “alternativos”, como o The String, uma rede de designers que ao sábado abre com DJ. Acabamos a desembocar no indispensável Museu Philips: a fachada envidraçada empresta-lhe um ar moderno, que condiz com a restante zona, pedonal, mas essa é na verdade um acrescento àquela que foi a primeira fábrica da empresa.

A caminhada não é longa até chegarmos até outro símbolo arquitectónico de Eindhoven, também um museu. Até lá, passamos pela câmara municipal, edifício de betão de 1969 pouco consensual, que tem na praça em frente um parque de skate. A entrada do Museu Van



FOTOSTUDIO FONIS STRUBOSCH



Abben, de arte moderna e contemporânea, não está muito distante – o Oudbouw, o velho edifício. Edifício de tijolo vermelho, simetricamente distribuído a partir de uma torre com relógio, perde todo o protagonismo, fotográfico pelo menos, para a nova extensão (Nieuwbouw, novo edifício) inaugurada em 2003, desenhada por Abel Cahen. Também ela com uma torre a dominar, tem formas angulares acentuadas revestidas de ardósia islandesa e grandes transparências.

O contraste não podia ser maior entre as duas alas do museu integrado num entorno natural especial

– na margem do rio Dommel, que aqui foi artificialmente alargado, formando um pequeno lago entre ambas. O café do museu é o espaço ideal para usufruir deste entorno: a esplanada está sobre o lago e também pode ser acessível por uma entrada à parte – uma pequena ponte coberta nas traseiras do museu que é uma obra de arte por si, com design do artista e arquitecto John Körmeling, uma pequena casa de madeira pintada em rosa forte que se ilumina à noite.

Se a união arquitectónica é inesperada, a filosofia do museu tão pouco é usual. “Há 10 anos que esta-

**Circulamos pela cidade e o que chama a atenção é a herança industrial e os edifícios mais arrojados, parte do projecto de transformar Eindhoven na capital holandesa do design**

mos a experimentar coisas novas”, confessa a guia, “e a trabalhar com designers”. A ideia do museu está a mudar, explica, “o artista nunca teria imaginado as suas obras assim, num cubo branco”. Assim, podemos contemplar as obras noutra ambiente, por exemplo, em salas cobertas com papel de parede (também ele obra de designers) alusivos à época em que foram criadas. “Este museu não quer ser visto como uma torre de marfim.” Não é de marfim, mas o perfil esguio da torre Vesteda tem contornos de diamante e é um dos símbolos arquitectónicos modernos mais reconhecidos de Eindhoven –

em 2007 foi considerado o “edifício do ano” no país.

## Um novo carisma

Se o rio Dommel agora é um eixo de lazer em Eindhoven, cidade onde não faltam parques, já foi uma via de comunicação importante. Nesta cidade industrial, muito chegava e partia através dele. Ao longo de uma porção das suas margens, alinham-se velhos edifícios de tijolo do que foram fábricas e agora podem ser qualquer coisa por detrás dos portões pesados. Transpomos um: ateliers fechados e The Bottle Distillery, onde se faz brandy, gin, licor e vodka. Voltamos à entrada que pertence totalmente à cerveja: de um lado está a fábrica artesanal da Stadsbrouwerij Eindhoven (visitas guiadas com degustações), do outro a cervejaria 100 Watts. Pertencem a donos diferentes, mas estão umbilicalmente unidas: um produz, o outro vende. Depois de alguns anos em que a produção de cerveja artesanal na zona decaiu, parece que voltou a florescer e este binómio é apenas um dos exemplos. Cumpriu um ano e 36 receitas, das “mais fáceis” às “mais exóticas”. “As pessoas aqui agora estão mais exigentes, querem boa cerveja, bom vinho”, sublinha Yuri que, e já o havíamos escutado de outras bocas,